

Um resumo notável de cem intempestivos anos

Mário Beja Santos¹

Uma breve história do século XX, por Geoffrey Blainey (Publicações Dom Quixote, 2010) garante uma leitura empolgante que só um grande historiador é permitido escrever, graças à sua capacidade de síntese na escolha dos eventos elementares e determinantes. Como ele observa, o século começou com um otimismo invulgar: expandiam-se os negócios, Grã-Bretanha, Alemanha e França eram o grande dínamo na Europa, os EUA começavam a avançar para a primeira posição; revolucionaram-se as comunicações, a saúde, o estatuto da mulher, generalizou-se a educação, internacionalizaram-se os investimentos, as potências imperiais acumularam riqueza e poder. Duas guerras mundiais e uma depressão económica a uma escala nunca vista fizeram emergir conceitos autoritários e despóticos. A tentativa de criar uma instância



supranacional que dirimisse tensões, a Sociedade das Nações, foi um fracasso. Foi um século em que se contestou a democracia e ela saiu vencedora quando caiu o muro de Berlim. Quando acabou a II Guerra Mundial, ninguém suspeitava como a sociedade de consumo fosse determinante para o sucesso da democracia e o triunfo do mercado. Em 1901, a democracia era uma raridade, um século depois era consensualmente o regime em que a humanidade pretende viver.

Em 1901, as mais rápidas mensagens percorriam o mundo por dentro de fios e cabos; em 2001, chegavam a todo o globo por satélite. Olhando os acontecimentos do século, é surpreendente como se pode demarcar com profundo rigor o mundo depois da II Guerra Mundial: a ascensão de duas superpotências; a euforia em viajar, pois uma multidão de pessoas cujos avós tinham vivido e morrido na mesma aldeia dispuseram-se a fazer longas viagens para ver montanhas, desertos,

¹ Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

lugares sagrados, cidades estrangeiras, galerias de arte e espetáculos desportivos; fenómeno único na história, em muitas nações quase metade ou mais das suas populações passaram a viver em cidades. No início do século, a Europa era dominante, no final passara para um tremido segundo lugar, obrigada a estar atenta aos desejos de Washington e não menos atenta ao que se passa no Japão, na China e na Índia.

O século XX conheceu guerras devastadoras e assistiu a ameaças da deflagração termonuclear. Os impérios desmoronaram-se, do seu desmembramento surgiram nações independentes, sobretudo em África e na Ásia, mas muitas não sabiam o que fazer com a sua independência. Cresce o conceito de potências com altíssima capacidade de liderança. Ninguém supunha, em 1945, que a Europa chegasse a uma União com elevados índices de prosperidade. E realizou-se no espaço exterior a mais arrojada exploração desde que Colombo e Vasco da Gama atravessaram os oceanos, cinco séculos antes.

A despeito do espectro da crise e da ameaça permanente que impende sobre as classes médias, nunca se viveu com tanta saúde, tanta instrução, tanta acessibilidade ao entretenimento e com um número tão reduzido de conflitos, a despeito da permanência de tensão no Médio Oriente, dos conflitos africanos e tantas outras situações latentes de guerra civil e de etnocídio. É certo que os problemas ambientais e os perigos da superpopulação continuam a avolumar-se, e as regiões de pobreza pouco ou nada têm progredido. Mas a verdade é que adquirimos uma consciência global. Observa o autor que, pelos padrões mais exigentes, a segunda metade do século XX acabou por ser, inesperadamente, uma das mais venturosas metades de século da longa história do mundo. Com efeito após o final da guerra da Coreia, em 1953, não houve uma única guerra a uma escala global, se bem que esse espectro tenha surgido com os acontecimentos posteriores ao ataque às Torres Gémeas. Adquiriu-se a percepção de que a guerra global é totalmente impensável tal o seu caráter destruidor. É verdade que se correram riscos de grande cataclismo como foi a crise dos mísseis de Cuba, em 1962, em que parecia iminente. Quando se julgava que a escalada armamentista era imparável, Reagan e Gorbachov chegaram a um entendimento. Mas não se deve ter ilusões que a paz nuclear ainda não foi obtida e enquanto esta não estiver resolvida todas as outras questões e problemas perdem importância.

De forma intermitente, o espírito sético parece tomar conta do coletivo, teme-se a ruína, o abatimento dos países, um quase regresso às cavernas. O autor recorda que em 3 de Agosto de 1914, no eclodir da I Guerra Mundial, Sir Edward Grey, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, observou: «As luzes estão a apagar-se por toda a Europa; não tornaremos a vê-las acesas

durante as nossas vidas». Mas as luzes tornaram a acender-se quer na Europa quer no Mundo. Luzes prodigiosas, que trouxeram, com os prodígios da medicina, o alívio do sofrimento e o alongamento da vida; luzes prodigiosas que levaram ao alastramento e à credibilidade do sistema democrático; luzes prodigiosas que se saldaram na comunicação rápida, no crescente acesso aos meios culturais, por exemplo.

Quando se pensa nos perigos do fundamentalismo ou nos temores da derrocada do sistema económico, é bom ter uma grande angular sobre esses 100 anos intempestivos, o fundamento para a nossa ação, está nele o nosso bilhete de identidade. E, curiosamente, os EUA teimam em ser o líder mundial, são a Pátria da invenção, lá se situavam e situam muitos dos mais altos edifícios de escritórios do mundo, está ali o coração do sistema financeiro e a central da inovação tecnológica. Foi este século XX que nos preparou para a tolerância e para a rejeição das ditaduras, para o gosto de viver longe da guerra e das ditaduras. O século XX produziu Hitler e Estaline mas também produziu Kemal Pacha, o Atatürk, Nasser, Nelson Mandela, Churchill, Olaf Palme, entre tantos outros dirigentes que revolucionaram pela exemplaridade.

Esta breve história do século XX é uma ferramenta indispensável pela leitura aliciante que oferece, pelo cuidado no rigor da síntese, pelo deslumbrante poder da escrita no desbobinar dos marcos históricos, na apresentação dos acontecimentos de rutura, na forma como faz reviver o passado ao registar detalhes do dia-a-dia; mães de 9 anos com pequenos bebés, o alvoroço das cidades cheias de gente, as atmosferas de tragédia. Um século XX visto com talento e inspiração, uma história muito bem contada ao alcance de todos.